

A ARTE DE BENZER: persistência de um saber na sociedade palmeirense

The art of blessing: persistence of knowledge in palmeirense society.

El arte de bendecir: persistencia del conocimiento en la sociedad palmeirense.

Isabela Andrade de Lima Morais¹
Tiago Sandes Costa²
Gisele Nunes de Souza Sandes³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as práticas de cura realizadas pelos benzedeiros da cidade de Palmeira dos Índios, localizada no interior do Estado de Alagoas. Para tal, realizamos uma abordagem histórico-antropológica e mediante entrevistas narrativas realizadas com esses representantes da Medicina Popular, serão abordadas discussões sobre a descoberta do dom e o processo ritual da crença, da cura e da eficácia da cura. Ao adentrar nesse universo que envolve as práticas de benzeção, observamos que essa arte de cuidar e curar pode ser interrompida por não haver pessoas interessadas em perpetuar essa tradição para o bem da comunidade. Com isso, compreendemos que a tradição oral e o sincretismo religioso contribuem significativamente para a persistência desses saberes nessa localidade. Essa pesquisa busca instigar aos leitores novas perspectivas sobre o tema abordado, pois, são vários os aspectos voltados à procura desses curadores populares como demonstração da religiosidade popular, para serem pesquisados.

Palavras-chave: Benzedeiros, Ritual, Crença, Cura, Tradição.

¹ Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. E-mail: isabelamorais.ufpe@gmail.com

² Doutorando em Geografia – Tratamento da Informação Espacial pela PUC Minas. E-mail: tiago.costa@ifma.edu.br

³ Graduada em História pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL/ Campus III. E-mail: gi_sandes@yahoo.com.br



Abstract: The purpose of this article is to analyze the healing practices performed by the folk healers in the city of Palmeira dos Índios, located in the interior of the state of Alagoas. To this end, we take a historical-anthropological approach, and through narrative interviews conducted with these representatives of Popular Medicine, discussions about the discovery of the gift and the ritual process of belief, healing, and the efficacy of healing will be addressed. When entering this universe that involves the practices of blessing, we observe that this art of caring and healing can be interrupted because there are no people interested in perpetuating this tradition for the good of the community. Thus, we understand that oral tradition and religious syncretism contribute significantly to the persistence of this knowledge in this locality. This research seeks to instigate to the readers new perspectives on the theme, because there are several aspects concerning the search for these popular healers as a demonstration of popular religiosity, to be researched.

Keywords: Healers, Ritual, Belief, Belief, Healing, Tradition.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar las prácticas curativas realizadas por los curanderos populares de la ciudad de Palmeira dos Índios, localizada en el interior del Estado de Alagoas. Para ello, realizamos un abordaje histórico-antropológico y a través de entrevistas narrativas realizadas a estos representantes de la Medicina Popular, se abordarán discusiones sobre el descubrimiento del don y el proceso ritual de creencia, curación y eficacia de la curación. Al entrar en este universo que envuelve las prácticas de bendición, observamos que este arte de cuidar y curar puede ser interrumpido porque no hay personas interesadas en perpetuar esta tradición para el bien de la comunidad. Así, entendemos que la tradición oral y el sincretismo religioso contribuyen significativamente para la persistencia de este conocimiento en esta localidad. Esta investigación busca instigar a los lectores nuevas perspectivas sobre el tema abordado, pues son varios los aspectos centrados en la búsqueda de estos curanderos populares como demostración de religiosidad popular, a ser investigados.

Palabras-clave: Curanderos, Ritual, Creencia, Curación, Tradición.

Introdução

A arte de cura, desenvolvida pelas práticas da Medicina Popular, permite resgatar uma tradição que remonta ao período da formação da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, a temática abordada neste artigo está direcionada às práticas de cura das benzedeadas da cidade de Palmeira dos Índios, localizada no interior do Estado de Alagoas.

Adentrar nesse universo de bênçãos e cura é compreender, a partir do ritual e da sua eficácia, as razões que levam às práticas desenvolvidas pelos benzedeiros obterem uma procura significativa de todas as classes sociais, garantindo a resistência ou persistência desses saberes populares ao longo do tempo.

Diante da vulnerabilidade em que as pessoas se encontram ao lidarem com

problemas físicos ou emocionais, foram analisados os aspectos relacionados ao uso que as mesmas fazem desses saberes, concomitantemente com a Medicina Científica. Aliás, vale salientar que os valores da Medicina Popular não se encontram expropriados diante dos métodos inovadores utilizados pela ciência, mas incorporados a nossa cultura.

Algumas inquietações nortearam essa pesquisa: o que é Medicina Popular? Como ela se diferencia da Medicina Científica? Quais as razões que levam uma pessoa a se tornar benzedeira/benzedor? Quais os elementos que compõem o ritual de cura? Quais as razões da procura por essas práticas de cura? Qual a eficácia da cura? Qual a importância de Palmeira dos Índios neste contexto?

Além de utilizar a observação participante com o intuito de desvendar o processo ritual, foram utilizadas fontes bibliográficas, dissertações de mestrado e trabalhos teóricos sobre história antropológica e história e memória. As entrevistas realizadas com os benzedeiros e com seus clientes⁴ oportuniza uma melhor compreensão de como se desenvolve esse processo.

E assim, a História Oral vem dar essa contribuição enriquecedora à pesquisa ao nos permitir sermos ouvintes e mantermos um diálogo com as pessoas que irão narrar suas memórias (MONTENEGRO, 2001:149-152). São gestos e palavras que se entrelaçam para expressarem seus sentimentos, suas angústias e o modo particular de pensar, ao transmitirem suas experiências de vida.

Enquanto suporte teórico, destacamos a aproximação com a antropologia. O diálogo entre essas duas áreas de conhecimento foi intensificado com Jacques Le Goff, que a partir de 1969 propôs o surgimento da antropologia histórica ou história antropológica, marcando então a fase que a História passou “do porão ao sótão”, metáfora utilizada para exprimir a mudança da base socioeconômica ou da vida material para os processos mentais, a vida cotidiana e as suas representações.

⁴ Termo utilizado pelos benzedeiros locais. Chamavam de clientes, pessoas que buscavam a cura por intermédio da reza, em razão da fidelização às práticas de cura ofertadas por esses benzedeiros.

Apesar da contribuição de trabalhos voltados à cidade sobre os mais diversos temas, poucos estão voltados aos agentes históricos de cura desta região, mesmo sendo um local propício a esse tipo de pesquisa em razão da crença popular presente no cotidiano das pessoas interligadas a esses saberes de cura. Sendo assim, mesmo tratando-se de uma pesquisa em que os dados primários foram obtidos em 2007, ao retomar esse tema, buscamos auxiliar nos trabalhos posteriores, no que se refere ao estudo sobre as práticas populares de cura e as práticas sociais estabelecidas entre benzedeiros e clientes.

As práticas de cura da Medicina Popular numa abordagem histórico-antropológica

Sendo as benzedoiras de Palmeira dos Índios o objeto de estudo do tempo presente, a aproximação com outras áreas do conhecimento, sobretudo a Antropologia, trata-se de uma opção privilegiada enquanto aparato teórico, pois, permite desvendar a teia de significados (GEERTZ, 1989) de atos e práticas culturais que envolvem as diferentes culturas.

Assim, o trabalho do historiador é tal qual o do etnólogo que “utiliza a distância que percebe entre sua própria cultura e a de seu terreno de observação para se desembaraçar de suas próprias categorias e reconstituir o sistema lógico da sociedade que estuda” (BURGUIÈRE, 1995, in. LE GOFF, 1995, p.131).

Foi com o surgimento da Escola dos Annales⁵ que proporcionou o

⁵ A Escola dos Annales surgiu a partir da fundação da Revista Annales d'histoire économique et sociale, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre. A proposta da revista era criticar a história historicizante, ou seja, um tipo de história que se utilizava de documentos escritos ao ponto de fazer deles a verdadeira explicação histórica. Este tipo de História intitulada de événementielle estava vinculada aos grandes personagens, aos grandes feitos heróicos e aos grandes eventos históricos. Os historiadores dos Annales criaram então a história-problema, na qual o historiador surge como construtor da história; e a história-presente, onde o historiador parte do presente para entender as representações do passado. A Escola dos Annales, é dividida em gerações: a primeira, iniciou-se em 1929, com a fundação da Revista; a segunda geração iniciou-se em 1956 quando Fernand Braudel em 1956 assumiu o comando da Revista; e a terceira geração iniciou-se em 1969 após Jacques Le Goff, Jacques Revel e André Burgièrre assumirem a direção da Revista.

renascimento da Antropologia histórica (BURGUIÈRE, in. LE GOFF, 1995, p.125). Os fundadores dos Annales instigaram os historiadores a utilizarem a história da vida cotidiana como objeto de investigação histórica. Através desse movimento, a História assume o estudo mediante a questão social, buscando compreender a sociedade a partir da diversidade de seus aspectos, como as formas de sociabilidade vividas pelo homem.

Marc Bloch pode ser considerado o fundador da história antropológica, pois, ao publicar em 1924 o livro “Os Reis Taumaturgos”, preocupou-se em analisar situações que antes eram consideradas superstições, como o processo de formação da crença no poder de cura provindos dos reis da França e da Inglaterra.

Portanto, uma das contribuições mais importantes que os Annales proporcionaram foi de permitir que houvesse um diálogo entre a História e as outras ciências através de uma proposta de interdisciplinaridade. Assim, através da aproximação com outras disciplinas, a História vai desmistificando o documento como única fonte de conhecimento e, especificamente com a Antropologia, permite transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas (CASTRO, in. CARDOSO e VAINFAS, 1997).

Le Goff invoca o encontro da História com a Antropologia para arraigar os estudos sobre os rituais da vida cotidiana na essência dessa investigação histórica, pois, através da Antropologia torna-se possível encontrar no cotidiano e na vida privada “diferentes formas de transformação, de fazer seu inventário, de compreender seus mecanismos e afirmar sua pluralidade” (DEL PRIORE, in. CARDOSO e VAINFAS, 199, p. 270).

Ao focar o cotidiano e o universo simbólico, o historiador tem como interlocutor o antropólogo, pois, “a história utiliza-se do discurso antropológico para tomar como tema o mundo cotidiano” (AGOSTINI, in SCHWARCZ e GOMES, 2000, p. 43). Dessa forma, os historiadores vão buscar na antropologia suporte para o estudo dos ritos, das imagens e dos gestos da sociedade.

Portanto, a aproximação com a antropologia permite compreender o comportamento das pessoas diante da tradição e dos rituais desenvolvidos pelas práticas populares de cura, bem como entender o processo de persistência desses saberes no mundo contemporâneo, pois até hoje, percebe-se que diversas pessoas, dos diferentes estratos sociais, recorrem a essas práticas de cura popular, demonstrando que os saberes e práticas ditos “populares”, “alternativos” ou “tradicionais” estão arraigados na sociedade e na cultura brasileira.

A trajetória de um saber

Rezas e plantas medicinais misturadas à religiosidade popular são aspectos que estão presentes na cultura do povo brasileiro desde a formação da nossa sociedade, representados pelos curandeiros da época.

A partir da segunda metade do século XVI, o clima tropical passa a desagradar os colonos portugueses, sendo considerado por estes o fator responsável pelo surgimento de doenças (SOUZA, 2002). Com o início da colonização portuguesa a partir de 1530, as condições climáticas do território impuseram uma adaptação necessária aos europeus, que viram como um divisor de águas, no processo de incursão para o interior do território.

Foi através do contato com os povos originários que os portugueses passaram a observar as práticas de cura. Afinal, quando os povos nativos eram acometidos por algum mal, tinham o conhecimento das plantas medicinais que poderiam ser utilizadas para propiciar-lhes a cura e/ ou recorriam aos rituais desenvolvidos pelos pajés⁶. Assim, os portugueses adaptaram o conhecimento atribuído em suas origens à realidade a qual vivenciavam, utilizando o conhecimento das plantas medicinais adquirido com os povos originários.

Portanto, o uso de plantas medicinais, bem como, a magia e/ou fé que

⁶No Brasil, a imagem dos xamãs refere-se à do pajé responsável pela arte de curar utilizando ervas, rezas e a invocação dos espíritos no processo de cura.

envolve esses processos de cura, evidenciam a influência dos povos originários, portugueses e africanos nos processos de cura utilizados na medicina popular do Brasil.

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, uma legislação canônica aprovada ainda no início do século XVIII, no ano de 1707, condenava essas práticas sob pena de excomunhão para aqueles que se valessem desses rituais, sendo permitido o uso dessa prática somente aos que tivesse por escrito uma licença das autoridades religiosas (MOTT, in. SOUZA, 1997).

Luiz Mott, em no artigo “Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu”, nos mostra que o curandeirismo é uma prática ativa desde o período colonial, ao mesmo tempo enfatiza a dificuldade do clero em controlar essas práticas, pois, “em toda rua, povoado, bairro rural ou freguesia, lá estavam as rezadeiras, benzedoras e adivinhos prestando tão valorizado serviço à vizinhança” (MOTT, in. SOUZA, 1997, p. 194). Mediante os exemplos citados pelo autor, observa-se a bênção por rezas e a utilização de palavras escritas nos processos de cura:

Para curar maleita, Francisco Róis escrevia em papelinhos: ‘Cristo nasceu, Cristo morreu, Cristo ressuscitou’... ainda para maleitas, João Rodrigues Aguiar, filho de família, benzia assim: Sexta-feira pela luz puseram a Cristo na Cruz, perguntou Pilatos a Jesus:” tu tremes ou tremes a cruz/ não tremo, nem tremerei, mas treme esta cruz de madeiro que comigo não podia. Quem se lembrar de minha morte e paixão, maleitas não tremem”, mandando o enfermo rezar sete pai-nossos e sete ave-marias pela paixão e daí por diante (Idem, ibidem, p.195).

O baixo clero⁷ mantinha-se indiferente às práticas de benzeduras, bem como aos rituais considerados pelas autoridades eclesiásticas como pecado mortal. Apesar disso, os adeptos a esses processos realizavam seus rituais de forma cautelosa, em locais que não pudessem sofrer qualquer ameaça provindas da justiça civil, episcopal

⁷Entende-se como sendo os padres e vigários de baixa condição, ou seja, não possuíam nível de nobreza.

ou inquisitorial. (MOTT, in. SOUZA, 1997).

Medicina Popular versus Medicina Científica

Considera-se Medicina Popular, a medicina que se faz presente em nossos atos praticados cotidianamente, vinculados aos costumes e tradições, sendo realizada em diferentes situações e pelos diversos agentes de cura (benzedoras (as), ervateiros, dentre outros). Caracteriza-se por ser acessível a todos e por estreitar os laços entre as pessoas que a praticam e àquelas que utilizam de seus benefícios, ou seja, aproxima as relações sociais entre as mesmas através do sentimento de solidariedade (OLIVEIRA, 1985).

Os artifícios utilizados pela medicina popular atingem as necessidades de uma parte da população que os utilizam. Assim, “como resistência política, a medicina popular é um conjunto de formas de cura e concepções de vida que se colocam como alternativas àquelas oferecidas pela ciência erudita” (OLIVEIRA, 1985, p.9). Do contrário, seriam abafadas com o passar do tempo através do surgimento das novas técnicas de cura criadas pela medicina científica.

As discussões relacionadas à legitimidade da medicina popular apresentada na década de 70 expõem, a partir da opinião da população, que esta medicina encontra-se integrada no cotidiano de cada pessoa, percebendo através disso a necessidade de

implantar propostas de incorporação de algumas das suas práticas em programas de assistência médica erudita, por alguns profissionais considerados progressistas, como os que lidam com a medicina comunitária e com as práticas alternativas de cura (Idem, ibidem:71-72).

Portanto, muitos dos procedimentos de cura utilizados pela população, através de uma tradição⁸, encontram-se inseridos no processo de construção da

⁸Entende-se por tradição o ato de passar algo para outra pessoa ou de passar de geração a outra geração através de um conhecimento oral (Bornheim, 1987).

medicina científica. Essa incorporação dos conhecimentos populares propiciou uma aproximação entre os médicos diplomados e seus pacientes.

A eficácia da cura

A necessidade das pessoas aderirem às práticas populares de cura não se encontrava limitada apenas à carência de médicos numa dada região, mas a uma questão culturalmente relacionada ao sobrenatural (CARVALHO, 2005).

Normalmente, essa adesão se dá pelo fato de haver uma proximidade social entre as pessoas e essas práticas de cura, pois, quando são acometidas por alguma enfermidade, primeiramente recorrem aos recursos naturais aos quais dispõem, seja um chá ou mesmo a procura por benzedeiras ou outros agentes de cura, antes mesmo de buscarem a consulta médica para tratamento das doenças.

Sendo assim, os métodos utilizados pelos agentes populares de cura se baseiam em tratamentos administrados lentamente, em razão dos recursos que se utilizam e tem como intenção a cura do paciente em corpo e espírito. Muitas vezes as causas das doenças são de caráter espiritual, manifestada através de sintomas que se exteriorizam, como é o caso do mau-olhado, onde aqueles que são acometidos aparecem visivelmente abatidos e desanimados, recorrendo às benzedeiras para obterem a cura através de suas rezas.

A maior diferença entre a medicina oficial e as práticas populares de cura está direcionada a partir da relação de magia e religiosidade presentes entre as benzedeiras e as pessoas que a elas recorrem. A certeza de que serão beneficiados pelas “receitas” e orações está relacionada diretamente a religiosidade popular, pois as benzedeiras são vistas como intermediárias entre Deus e o humano.

No processo ritual, o primeiro contato entre a benzedeira e o cliente se dá através do diálogo, onde serão expostas as possíveis doenças e/ou angústias de cunho emocional, espiritual ou físico sofridas pelo cliente. Logo após, são utilizadas

diferentes tipos de benzeduras que vão desde as tradicionais orações até o uso de instrumentos simbólicos. Por fim, a benzeadeira dá seu diagnóstico e conseqüentemente a receita⁹, que pode ser atribuída a conselhos e/ ou medicamentos criados por ela.

As estórias surpreendentes de cura permeiam no imaginário tanto das benzeadeiras quanto dos clientes como forma de legitimar e provar a autenticidade de tal prática, comumente, são estórias de pessoas que se encontravam “desenganadas” pelos médicos e obtiveram a cura através dos recursos utilizados pelas benzeadeiras.

No Brasil, principalmente nas regiões interioranas do Nordeste, como a cidade de Palmeira dos Índios, localizada no interior de Alagoas, os saberes populares não foram expurgados da vida das pessoas, pois muitos são os setores da sociedade que procuram as benzeadeiras em busca de tratamento.

A cidade de Palmeira dos Índios apresenta-se como uma região que mantém uma relação intensa com as práticas de cura da medicina popular. Nesta região, é visível a presença de benzeadeiras, ervateiros, curandeiros, xamãs e pais ou mães de santo que trabalham práticas de cura. Ainda que as pessoas possam utilizar os serviços médicos fora da comunidade local, em Maceió, por exemplo, isto é feito concomitantemente com a utilização da medicina popular local.

Homens e mulheres de fé: tornando-se um benzedor

O reconhecimento do dom que leva uma pessoa a se tornar benzedor ou benzeadeira, normalmente está relacionado a uma experiência divina concomitantemente a uma prática já exercida por seus familiares, que transmitem seus conhecimentos, desde as orações até as receitas utilizando plantas medicinais, na intenção de dar continuidade a essa tradição, pois,

requer mestres que a conheçam, que a mantenham viva e a comuniquem

⁹ Termo utilizado pelos benzedeiros locais.

aos que nela se iniciam, recebe sua autoridade e sua eficácia por sua antiguidade, pelas idéias, pelos valores e modelos dos quais é herdeira, pelo segredo que a diferencia dos saberes comuns (BALANDIER, 1999, p.95).

É dessa maneira que são criadas ou recriadas as orações para serem utilizadas no processo de cura, que costumam ser adaptadas a partir dos ensinamentos religiosos obtidos por intermédio da Missa, da Bíblia e de programas religiosos.

Portanto, conforme Quintana (1990, p. 81), esse dom consiste principalmente em

uma comunicação com o sobrenatural, na qual se baseia sua força e seu conhecimento. Em contrapartida, ao assumir a benzedeira a obrigação de ajudar os necessitados através da benzedura, a entidade que lhe outorgou o dom fica, por sua vez, obrigada a ajudá-la no desempenho de suas tarefas.

A partir do contato com esses homens e mulheres de fé, é possível notar que a primeira experiência com as práticas de benzeção pode ter sido por diferentes razões: através de ensinamentos obtidos por pessoas que eram benzedoras, sejam familiares ou conhecidos, diante de um problema de saúde vivido por algum de seus familiares e principalmente um fator comum durante as narrativas está direcionada a descoberta do dom, que não se trata de uma opção ou mesmo uma escolha, mas de uma missão que lhe é imposta e que deve ser seguida incondicionalmente durante toda a vida.

Sr. Manoel Antônio Leite, popularmente conhecido como Seu Né, 60 anos de idade, quando criança morava no campo com seus pais, mudando-se para a cidade após seu casamento. Reside num bairro humilde na cidade de Palmeira dos Índios, mas a procura por suas práticas de cura atinge pessoas de todas as classes sociais. Sua primeira experiência como benzedor é atribuída a “um dom dado pela natureza”¹⁰ apenas com 10 anos de idade, quando seu pai, que também era benzedor, estava sufocado e por intermédio de suas rezas conseguiu curá-lo. A partir desse instante, como gratidão, resolveu dedicar-se a essa prática como uma missão enviada

¹⁰ Trecho da entrevista concedida pelo Sr. Manoel Antônio Leite, Seu Né, no dia 14 de Abril de 2007.

por Jesus: “Meu Pai, meu Senhor Jesus, me dê um dom, mode (sic) eu rezá (sic) no meu pai e ele ficá (sic) bom, se ele ficá (sic) bom eu prometo ao Senhor Jesus de rezar nos filhos de vós”¹¹.

Dona Helena, 58 anos de idade, reside no centro da cidade de Palmeira dos Índios e a procura por suas orações e conselhos é intensa. A prática de benzer lhe é familiar, pois sua avó paterna era benzedeira e transmitiu os conhecimentos para seu pai e, mais recentemente, Dona Helena resolveu dedicar-se a essa missão, mantendo essa tradição familiar.

Esse dom desenvolvido nesta benzedeira é atribuído a uma experiência divina, pois, num momento de aflição intercedeu pela cura dos seus filhos e teve seu pedido atendido. Por isso, sentindo-se escolhida pelas forças sobrenaturais e através de um influente histórico de benzeção na sua família, dedicou-se a esta missão na certeza de que contaria com a ajuda divina nos processos de cura realizados nas pessoas as quais a procurasse:

Pela escolha do Espírito Santo, pela sua santidade suprema, esses tempos atrás eu nunca tinha pensado nisto, mas um dia devido à precisão dos meus filhos também serem curados, acompanhados da doutrina cristã que eu recebi de meu pai, além do altíssimo também ter escolhido a minha vó como uma benzedeira de alto nível e categoria para com Deus e a sociedade... aí foi passando a tradição, dos nossos avós para meu pai, para a nossa família, aí depois de 15 anos pra cá (sic) o Espírito Santo e Deus Vivo desenvolveu seu dom supremo sobre a minha pessoa.¹²

A partir das bênçãos realizadas com seus familiares e ao obterem a cura desejada, esses agentes se sentiram aptos para realizá-las em outras pessoas, privilegiando essa prática como missão e assim, demonstrando gratidão ao sobrenatural pelo dom recebido.

Dona Helena acredita que qualquer pessoa possa se tornar benzedeira, desde que

seja muito religioso, que reze muito em casa, que vá a Santa Missa, que não separe do terço da Virgem Santíssima, se for uma família muito

¹¹ Idem

¹² Trecho da entrevista concedida pela Sra. Helena Galdino Lemos no dia 19 de Maio de 2007

consagrada ao poder de Deus, qualquer pessoa pode receber esse dom. o poder de Deus não tem dimensão e ele exerce sua santidade suprema em qualquer instante da nossa vida.¹³

Ao se dedicarem aos rituais de benzeção, os benzedeiros não exigem qualquer tipo de pagamento pelos serviços prestados através dos benzimentos. Porém, no momento de pedir um dom para obter a cura de seu pai, Seu Né promete rezar nas pessoas que o procurarem sem cobrar nada por suas bênçãos, enfatizando que “... se quiserem me dá, o que quiserem me dá, por livre vontade, eu recebê (sic)”¹⁴.

Portanto, compreendemos que esses agentes populares de cura recebem todas as pessoas sem que estejam interessados em um pagamento específico, mas, ao mesmo tempo, recebem qualquer gratificação que seus clientes possam lhes oferecer, seja de forma material ou mesmo espiritual, isto é, expressões como: “Deus te ajude!”, “Deus te abençoe!”, “Deus te proteja”, comumente são utilizadas ao final das bênçãos como forma de agradecimento aos benzedeiros pelos seus serviços¹⁵.

Dessa maneira, as benzedoiras e benzedores fazem parte de um grupo de pessoas que utilizam a fé como principal instrumento de cura, por isso, costumam se destacar em meio à sociedade através do dom que lhe foi confiado, mas cada uma dessas pessoas possui uma maneira particular de realizar este ritual, alguns se detêm exclusivamente às orações, outros, por sua vez, além de orações incluem receitas utilizando medicamentos naturais.

O processo ritual de Seu Né

Uma parcela considerável das benzedoiras são adeptas da religião católica e utilizam, inclusive, os símbolos do catolicismo: água benta, a Bíblia e as imagens de santos em suas práticas, demonstrando sua religiosidade e devoção às entidades

¹³ Idem

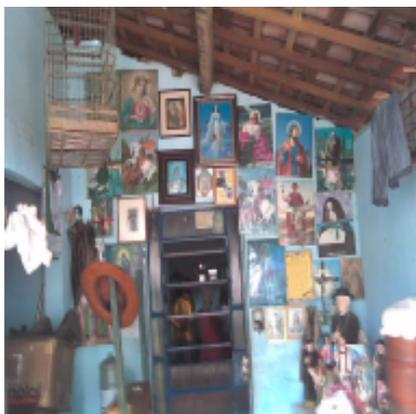
¹⁴ Trecho da entrevista concedida pelo Sr. Manoel Antônio Leite no dia 14 de Abril de 2007.

¹⁵ Estes tipos de tratamentos foram observados durante a pesquisa de campo.

sagradas. Por isso é comum chegarmos às casas desses agentes de cura e nos depararmos com imagens de santos católicos, quadros, terços, crucifixos, óleos, velas acesas para simbolizar o poder da fé e flores que compõem um altar, o qual diante dele a benzedeira (ou benzedor) recorrerá às entidades divinas para interceder pela cura física ou emocional daqueles aos quais os procuram, como também pela proteção dos mesmos.

Na residência do benzedor Seu Né, encontram-se espalhados pelas paredes quadros de diversos santos e um altar igualmente composto por imagens de santos católicos. Ao chegar, o cliente logo se depara com um homem de semblante sereno, que através de um simples gesto pede que a pessoa se acomode numa área onde estão distribuídas algumas cadeiras para que possam esperar a vez de serem atendidos, que por muitas ocasiões torna-se pequeno diante da procura pelos benzimentos praticados pelo benzedor.

Figura 1 - Quadros de santos católicos nas paredes da casa de Seu Né.



Fonte: Acervo de Gisele Nunes de Souza

Figura 2 - Altar composto por expostos santos.



Fonte: Acervo de Gisele Nunes de Souza

Sentado em frente ao cliente e com um ramo na mão, Seu Né faz suas orações, balbuciando algumas palavras em forma de rimas e que “na maioria das vezes, são transformações das orações oficializadas pela Igreja Católica Romana, entremeadas de palavras incompreensíveis” (ARAÚJO, 1977, p.157). Quase no término, Seu Né volta-se ao altar para que, de forma silenciosa, possa rezar pelo cliente pedindo-lhe a cura desejada.

O ramo ou “mato qualquer” (conforme os benzedores costumam se referir) é um instrumento popularmente comum utilizado no momento da bênção. Ele representa a natureza, a força do criador e a presença de Deus naquele instante de intercessão. Com este ramo são feitas repetidas vezes o sinal da cruz sobre o corpo do curando e em seguida é jogado fora, simbolizando que o mal acometido pelo cliente será superado.

No caso do mau-olhado, após a oração, os benzedeiros costumam rezar três pai-nosso e três ave-marias oferecendo as cinco chagas de Jesus Cristo: “Deus te fez; Deus te criou; Deus te disacanche (sic) de quem te acanhô (sic) vai quebranto, vento caído, e mau-olhado para as ondas do mar sagrado”¹⁶, mas existem outras doenças que acometem os clientes, tais

¹⁶ Idem

como: espinhela caída, quebrante, dentre outras.

Seu Né menciona que quando o cliente é acometido de outras enfermidades, tais como: a de sol e sereno (dor de cabeça) coloca-se um pano sobre a cabeça do cliente e em seguida uma pequena garrafa com água virada sobre o pano, se a água começar a borbulhar é a certeza de que aquela pessoa está com sol na cabeça, daí são pronunciadas as orações até que a pessoa sinta-se curada, normalmente quando a água contida na garrafa pára de borbulhar.

Figura 3 - Seu Né rezando de sol e sereno



Fonte: Acervo de Gisele Nunes de Souza

Dessa maneira, as orações são manipuladas e ao final desse ritual, o cliente é informado se precisa ou não retornar para dar continuidade ao processo de cura.

Por se tratar de uma missão e se sentir agraciado por seu dom, Seu Né menciona que muitas vezes há uma renúncia dos seus afazeres particulares, pois, não pode se negar a atender as “pessoas necessitadas” que constantemente o procuram,

ao que faz referência à gratidão pelo dom recebido.

O processo ritual de Dona Helena

Os clientes ao chegarem nas casas dos benzedeiros, há todo um processo ritual para obter a cura, o qual Quintana (1999, p. 105) descreve como sendo o diálogo, a bênção e as prescrições. No entanto, o autor vem nos afirmar que é necessário conscientizar-se de que

Existe uma aceitação tanto do paciente quanto da benzedeira de que não é ela que cura. Ainda que se confie nos procedimentos utilizados, tem-se consciência de que, em última instância, é uma vontade superior que determina a melhora. A atuação das benzedeiros ficaria restrita a uma intermediação das forças sagradas.

Para dar início a esse processo há um momento de entrega, onde a benzedeira expõe suas fraquezas humanas, pedindo perdão por seus pecados e evidenciando que está apenas como intermediária, pois, a cura será realizada através do poder divino. A benzedeira dona Helena explica como é esse ritual:

Aí eu faço o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Aí eu começo, peço perdão a Deus das minhas culpas, dos meus pecados, para que diante de Vós eu fique limpa, merecida a grandeza e a potencialidade de meu Senhor Jesus Cristo para que tudo que eu vá pedir para aquela determinada pessoa, a divina providência faça com que eu como curanda,(sic) eu como curadora e aquela pessoa como curanda (sic) possa conseguir aquela graça dentro do poder santo maior. Peço pelo poder de Deus descer sobre mim pra curar aquela pessoa¹⁷.

Em seguida, o cliente se dirige a um altar, localizado num quarto afastado do ambiente onde os outros clientes estão aguardando para serem atendidos, permitindo que o mesmo se sinta à vontade para expor suas queixas. Este fica com as palmas das mãos para cima apoiadas sobre os joelhos, como gesto simbólico para receber a bênção que está por vir. Dona Helena inicia o processo ritual pedindo as boas vindas para aquela pessoa:

Seja bem - vinda (nome do cliente), a graça e a potencialidade de meu

¹⁷ Trecho da entrevista concedida pela Sra. Helena Galdino Lemos no dia 19 de maio de 2007.

Senhor Jesus, que pela luz e poder do Espírito Santo te trouxe até aqui. Seja bem-vinda a graça de Maria Santíssima, a dona do mundo, aquela que pode tudo. Oh Maria Santíssima eu estou curando (nome do cliente), dentro da Vossa Santa Proteção, junto a seu Filho Jesus no ministério da Santíssima trindade, que venha as suas forças divinas para que eu possa conseguir o que está precisando junto do poder santo maior¹⁸

Figura 4 – Altar composto por imagens de santos católicos na casa de Dona Helena



Fonte: Acervo de Gisele Nunes de Souza

Nesse ritual, o diálogo é fundamental para saber as razões da procura dos clientes pela prática de benzeção. Essa etapa é de suma importância para edificar a relação de confiança entre benzedor e cliente, já que esse último irá expor suas inquietações, as possíveis causas de seu sofrimento, seja físico ou emocional.

Com relação a algum mal físico manifestado por seus clientes, tanto D. Helena quanto Seu Né, buscam interceder, primeiramente, pela cura espiritual de forma que esta irá auxiliar no tratamento da cura física. Se necessário, são indicados chás ou algum outro medicamento natural, estes por sua vez, não costumam estar relacionados ao ato de benzer, mas aos ensinamentos transmitidos por familiares ou conhecidos para a manipulação adequada desses remédios naturais, de maneira que não prejudiquem a saúde daqueles que venham a utilizar essas receitas.

Imaginário e religiosidade popular na crença da cura

¹⁸ Dados coletados através da observação com o ritual de cura praticado por Dona Helena.

Minayo (2004, p. 46) afirma que:

A cura se refere ao fenômeno pelo qual as pessoas recuperam a saúde física e mental, mas também serve para denominar a recuperação da segurança, do bem-estar, da honra, do prestígio, de tudo aquilo que seja reordenação do caótico, do imprevisível, do negativo em termos religiosos – ideológicos ou pessoais, em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo.

Assim, no sentido de obter uma explicação divina para qualquer mal que acometa o corpo, os benzedores buscam a causa do sofrimento para encontrarem o medicamento eficaz que possa atender às necessidades do seu cliente, o que não significa negar a explicação científica da doença. Porém, “tanto as rezas como os chás somente adquirem um sentido, e, portanto, se tornam eficazes, quando inseridos no contexto ritual”. (QUINTANA, 1999, p. 55).

Lévi-Strauss (1975, p. 194) menciona que:

A eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências, opinião coletiva que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

Dessa forma, relacionando os aspectos mencionados por Lévi-Strauss sobre a eficácia da magia com a narrativa de Dona Helena, constata-se que a eficácia das práticas de cura realizadas pelos benzedores é atribuída a um fator que se torna determinante em todo o processo, a fé:

São três coisas importantes: a primeira de Deus que lhe guiou até aqui; a segunda é a sua própria fé, que é a curanda (sic) e a terceira, a fé do curador também. Tem que exercer esses três poder (sic): primeiro do Altíssimo, segundo da pessoa que vai ser curada e terceiro do curador, que eu sempre tenho uma fé viva como uma chama acesa¹⁹.

Assim, o imaginário do milagre e a religiosidade popular estão intrínsecos no cotidiano de quem utiliza essas práticas. É através de uma relação de confiança estabelecida entre benzedor e cliente que se dá o reconhecimento da eficácia da cura.

¹⁹ Idem

Bênçãos, crenças e curas no cotidiano palmeirense

Palmeira dos Índios, uma cidade interiorana conhecida como a Princesinha do Sertão, é uma região permeada por agentes históricos de vários grupos étnicos, tais como: os povos originários, os brancos e os quilombolas; que tanto no passado como na atualidade utilizam a Medicina Popular no processo de cura das doenças.

Ainda se torna comum, mesmo diante de tantas inovações no setor de saúde, pais levarem seus filhos às benzedeadas para que estes sejam curados de mau-olhado, perpetuando assim uma tradição responsável em desenvolver, de maneira particular, a fé na eficácia desses métodos de cura.

Uma jovem que estava aguardando a vez de ser atendida por Seu Né trazia seu filho de aproximadamente um ano para participar desse ritual, pois, acreditava que a criança estava com mau-olhado. A mesma informou que quando criança, sua mãe costumava levá-la sempre que necessário para alguma benzedeadas e garante ter tido resultados satisfatórios na maioria delas. Agora sendo mãe, revela que trazia seu filho, por acreditar nos benefícios que a oração pode lhe proporcionar²⁰.

É importante salientar que as práticas de benzeção apesar de exercerem influência de valores tradicionais, não se encontram estagnadas no tempo, elas sofrem transformações de acordo com as necessidades das pessoas que a utilizam. Portanto, não só a prática adotada pelos benzedeadas, mas todas aquelas relacionadas aos agentes de cura, os representantes da Medicina Popular, transformam-se e adaptam-se, acompanhando o desenvolvimento social de uma determinada época, fazendo parte de um processo histórico comum à sociedade. (OLIVEIRA, 1985)

Essas práticas populares de cura tendem a se adequar às diferentes situações estabelecidas pelo desenvolvimento da cidade, onde a busca por esses processos deixa de estar relacionada às dificuldades provindas pela falta de atendimento médico na região e direciona-se a crença voltada às práticas de cura dos benzedeadas,

²⁰ Dados coletados através da observação na residência de Seu Né no dia 14 de Abril de 2007

atrelados ao uso da Medicina Científica. Com isso, as benzedeadas e os benzedores trazem consigo a missão de curar os males do corpo e da mente daquelas pessoas que crêem no poder das suas orações.

É comum encontrarmos nas casas dos benzedores crianças adoentadas acompanhadas por suas mães, gestantes em busca de proteção para o parto e adultos com os mais variados problemas. Normalmente, as queixas mais frequentes estão direcionadas a problemas conjugais, desemprego, inveja por parte de outras pessoas que se manifestam através de um mal físico: o mau-olhado; e tantas outras razões que possam provocar inquietação no cotidiano do cliente.

Quando está relacionado a problemas emocionais, Dona Helena relata que conduz esse momento da seguinte forma:

Aí, é quando eu chego, curo aquela pessoa, pedindo o poder do Altíssimo que tenha compaixão, que ajeite aquela pessoa, aí eu vou dá um conselho de mãe, como uma psicóloga, qual é a razão pra ela tomar uma posição de sempre achar uma saída; que a maioria tem medo do marido, é quando é a nossa perca, não tem que temer, o marido manda no trabalho e em casa pra chegar junto com as responsabilidades, mas a mulher deve ser a rainha da casa [...] ²¹

Aliás, uma característica marcante na prática exercida pelos benzedores é de estar sempre disponíveis para atender, de maneira afetuosa, as pessoas que a eles recorrem, escutando suas inquietações e oferecendo-lhes conselhos e suas orações.

Para isso, não é necessário um contato físico entre clientes e benzedeadas, Dona Helena e Seu Né mencionam que alguns de seus clientes moram em outras regiões e obtêm contato através do telefone, e conheceram suas práticas através de outras pessoas que se beneficiaram com sua arte de cuidar e curar.

O uso da medicina popular e da medicina científica

Por sua vez, os céticos costumam ser resistentes a essas histórias surpreendentes de cura, indagam a respeito de que um balbuciar de palavras, muitas

²¹ Trecho da entrevista concedida pela Sra. Helena Galdino Lemos no dia 19 de Maio de 2007

vezes ininteligíveis, aliadas a um ramo, não podem ser considerados instrumentos para a cura de uma enfermidade. Mas, as pessoas que costumam frequentar as casas dos benzedores em busca de cura ou bênçãos, se mostram satisfeitas ao participarem desse ritual e garantem que são agraciados por essas orações.

Sr. Manoel Cordeiro, 64 anos de idade, neto de benzedeira, revela que quando criança costumava presenciar os rituais de cura realizados por Dona Josefa, sua avó. Dentre muitos, relatou um caso que ocorreu há mais de 40 anos. Segundo ele, um senhor chegou à casa de Dona Josefa com um sério problema de saúde:

Era aquele problema que deixava uma das pernas inchada, ele não podia (sic) nem calçar um sapato e tinha sido desenganado pelos médicos daqui. Naquela época as coisas era (sic) mais difícil (sic) [...] bem, aí um cumpadre (sic) dele indicou a minha avó e ele foi na casa dela. Ela benzeu ele por muitos dias, passando o óleo de mamona e de piquí, não usou nenhum mato, passava na perna dele e ia rezando pedindo à Deus pela cura dele. Quando foi com mais ou menos um mês ele já tava calçando sapato, foi curado e voltou para agradecer a minha avó.

Ao ser questionado a respeito das razões que podem ser atribuídas a cura, Sr. Manoel foi rápido em responder: “É a fé! Eu mesmo já fui curado de espinhela caída e de uma doença que tava me deixando tonto, com dor de cabeça e desmaio, aí minha avó usou um mato e rezando as penitência (sic) dela foi que fiquei curado”²².

E ainda faz uma consideração com relação à legitimidade dessas práticas comparando os agentes de cura com personagens da Bíblia: “Jesus Cristo mandou os discípulos curarem as pessoas. Quem tá (sic) doente, quando tá numa precisão, se vale de todo jeito. Se vai pro (sic) médico e ele não dá jeito, a gente já sabe quem deve procurá (sic)”²³.

A Medicina Popular desempenha um papel complementar ao tratamento desenvolvido pela Medicina Científica na recuperação física e/ou espiritual de uma pessoa. Enquanto uma, proporciona o tratamento do paciente voltado especificamente aos sintomas físicos da doença, os benzedeiros, estarão voltados a

²² Entrevista concedida pelo Sr. Manoel Cordeiro de Souza no dia 13 de Julho de 2007.

²³ Idem

trabalhar a cura do espírito de seus clientes, já que acreditam no fato de que o não fortalecimento do espírito pode provocar doenças que se exteriorizam e isso pode ser evitado através das bênçãos, num ato de prevenção contra o mal (MINAYO, 2004).

Existem casos especiais que os benzedeiros aconselham a procura dos médicos, Seu Né vem ressaltar esse elo entre as medicinas:

Quando eu vejo que num (sic) tem medicamento pra cura, eu mando (o cliente) lá pro (sic) Chico da Farmácia ou pro (sic) Barbosa ou, senão, pro (sic) hospital. E assim vai [...] Aquele mais fácil eu passo um remédio, eu faço um chá, um vidro de remédio.

Esse procedimento dos benzedeiros não ocorre por desacreditarem em suas orações, mas, segundo Dona Helena, pelo fato de a medicina científica e a medicina popular, voltada à religiosidade, se complementarem para a obtenção da cura das pessoas, enfatizando que quem determina a cura será sempre as forças divinas.

A influência dos aspectos culturais e religiosos de Palmeira dos Índios no processo de cura

Paula Montero (1986, p. 64) afirma que a medicina popular é responsável em integrar não só os males físicos, mas principalmente, os aspectos emocionais que possam afligir uma pessoa:

Para a magia, a doença é senão simples aparência. A doença é uma maneira que as forças espirituais têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens. Ela faz parte de um conjunto maior de problemas que têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens. Ela faz parte de um conjunto maior de problemas que têm a ver com a desorganização pessoal, familiar e social do sujeito: desemprego, conflitos familiares, crises, etc.

O papel que a religião ocupa no cotidiano das pessoas é determinante nesse processo de cura. Pois, é através da crença que as pessoas buscam um sentido à vida. Isso ocorre em função de uma herança cultural adquirida em razão de valores familiares e do meio social o qual as pessoas encontram-se inseridas.

Mesmo diante do progresso da medicina nesta cidade, que dispõe de hospital e clínicas com profissionais das mais variadas especialidades; e crescimento da

indústria farmacêutica, esses fatores não são suficientes para deter a arte de cura dos benzedeiros, que comumente são procuradas por uma parcela considerável dos palmeirenses.

Trata-se de uma região historicamente propícia a esse tema por existirem elementos que permeiam no espaço e no imaginário popular das pessoas através de um sincretismo religioso que possibilita a procura por esses agentes populares de cura.

Porém, essa tradição popular dos benzedeiros pode ser interrompida, não pela ausência de adeptos à prática, pois, os antigos benzedeiros da região continuam a exercê-la firmemente. Mas, pelo fato desses agentes de cura não encontrarem pessoas interessadas em perpetuar essa tradição.

A maioria dos familiares desses benzedeiros preocupa-se em adquirir conhecimento dos medicamentos naturais para utilizar entre os membros da família no cotidiano, entretanto, não existe um compromisso em dedicar-se a essa tradição para praticá-la em benefício da sua comunidade, podendo levar a um futuro esquecimento.

Considerações finais

Nesta pesquisa, foram apresentados aspectos que compõem os saberes populares de cura utilizados pelos benzedeiros de Palmeira dos Índios e, através das suas narrativas, compreender como a descoberta do dom está incorporada à transmissão oral desses saberes.

Observamos que, até a conclusão dessa pesquisa, essa prática de cura pode ser extinta por não haver interessados em perpetuar essa tradição.

Com isso, ao analisar a importância da religiosidade que permeia o imaginário popular no processo que envolve o ritual da cura, onde as duas medicinas se completam para o bem espiritual e físico do cliente, podemos apresentar o sincretismo religioso e a tradição oral como justificativa para a persistência desses

saberes nesta região.

Referências

ABREU, Jean Luiz Neves. **O imaginário do milagre e a religiosidade popular: um estudo sobre as práticas votivas nas Minas do século XVIII**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

AGOSTINI, Ailton José. Jacques Le Goff: por uma nova fronteira entre Antropologia e História. In. SCHWARCZ, Lilia K. Moritz & GOMES, Nilma Lino (orgs). Antropologia e História – debate em região de fronteira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-51. ARAÚJO, Alceu Maynard. Medicina Rústica. 3ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.

BALANDIER, Georges. **O Dédalo da Memória**. In. **O Dédalo: para finalizar o século XX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 41-76.

BORNHEIM, Gerd. **O Conceito de Tradição**. In. **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BURGUIÈRE, André. **A antropologia histórica**. In. **LE GOFF, Jacques**. A história nova. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 125-152.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. **Feiticeiros, burlões e mistificadores: criminalidade e mudança das práticas populares de saúde em São Paulo, 1950-1980**. São Paulo: UNESP, 2005.

CASTRO, Hebe. História social. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-59.

DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano e da vida privada**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo:

Difel, 1984

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Representações da cura no catolicismo popular**. In: ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs). Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Ática, 1986.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu**. In: SOUZA, Laura de Melo e (org.). Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. Coleção História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, VOL.I.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é medicina popular?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

QUINTANA, Alberto Manuel. A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

VAZ, Vânia. **As benzedoras da cidade de Irati: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2006.